

CARLOS NELSON FERREIRA DOS SANTOS:

## **ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA – UM DEPOIMENTO**

(Adaptação do texto apresentado no IV ENAMPARQ -Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo)

Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

Sessão temática;

CARLOS NELSON FERREIRA DOS SANTOS:

PENSAMENTO E REFERÊNCIAS

Coordenadora Maria de Lourdes Costa

**Autor: Lelia Mendes de Vasconcellos**

leliamendes0505@gmail.com

## **1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

### **1.2. O ARQUITETO URBANISTA E ANTROPÓLOGO: ENTRE A PRÁTICA E A TEORIA**

Carlos Nelson Ferreira dos Santos formou-se em 1966 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (atual UFRJ).

Um de seus primeiros trabalhos enquanto profissional foi a urbanização das favelas de Brás de Pina e Morro Azul, Rio de Janeiro, como membro integrante de uma equipe (1) a qual enfrentou um desafio singular para a época; pois as políticas habitacionais eram dirigidas para a erradicação desse tipo de ocupação. O trabalho realizado pretendia assentar a população no seu local de origem.

É possível afirmar que a trajetória profissional de Carlos Nelson tenha sido iniciada por esse trabalho e o motivado a ampliar sua formação no campo das ciências sociais. Em 1968 frequentou enquanto ouvinte um curso de antropologia e posteriormente, na década de 1970 fez o mestrado nessa área. O contato com moradores, a vivência de novas realidades e uma enorme dificuldade em enfrentar o discurso oficial para as políticas de habitação aos menos favorecidos justificou sua aproximação nesse campo.

O relato dessa experiência foi desenvolvido em sua tese de mestrado, editada no livro “Movimentos Sociais Urbanos”. Em sua introdução, ele diz: ...”*Escrevo na dupla qualidade de urbanista e antropólogo social. Como antropólogo, vou me utilizar de casos em que atuei como urbanista*” (SANTOS, C.N.F., 1981, p.12).

Esta afirmação sugere uma linha de trabalho cuja característica principal é o constante entrelaçamento entre a prática no campo do urbanismo e a reflexão teórica nos diferentes campos das ciências sociais. Nesse sentido, é interessante destacar algumas destas “interloquções” entre as práticas (as quais passou a supervisionar como chefe do Centro de Pesquisas Urbanas (CPU) do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), a partir

da década de 1970 e a sala de aula, como docente da Universidade Federal Fluminense (UFF). Ao que parece, uma passou a alimentar a outra.

Sua experiência como professor não se limitou à UFF. Ele foi palestrante e conferencista em inúmeros eventos, como congressos, seminários além de cursos, participação em sindicatos, institutos etc.

O presente artigo dirige-se principalmente à sua atuação na Universidade Federal Fluminense. Contudo é relevante mencionar alguns dos projetos realizados no IBAM, bem como alguns textos editados em livros, artigos e demais publicações, os quais evidenciaram sempre esta prática teórica, muitos deles ainda lidos e explorados enquanto material didático.

## **2. ATUAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

Sua carreira como docente junto à universidade teve início em 1975. Uma crise ocorrida pela saída de vários de professores demandou a vinda de outros docentes, inclusive a de Carlos Nelson, como professor de Teoria da Arquitetura.

É difícil afirmar sem isenção quando e como se deu a transformação do curso de arquitetura e urbanismo na UFF, pois fatos ligados à minha experiência pessoal com o autor, podem diferir da percepção de vários colegas. Assim sendo, permito-me colocar este relato na primeira pessoa.

Também ingressei como docente em 1975 na área de Projeto de Arquitetura e posteriormente nas disciplinas de Teoria de Arquitetura. Fui também coordenadora do curso, o que me levou a experimentar não só a prática didática como administrativa. Esta última contribuiu para uma maior compreensão do todo, para perceber melhor os entraves, burocracias e deformações do currículo, surgido de um programa elaborado principalmente pelos professores engenheiros, uma vez que o curso era em sua origem um único Departamento da Escola de Engenharia.

A presença de Carlos Nelson e de vários outros colegas serviu para dar um passo inicial às sucessivas transformações do curso.

### **2.1. COMO PROFESSOR DE TEORIA DE ARQUITETURA**

Havia uma premissa de que duas linhas de disciplinas deveriam ser correlacionadas: a de Teoria e a de Projeto de Arquitetura. A princípio, essa inter-relação era informal, apenas acordada entre os professores

Sem mesmo ter dialogado especificamente com Carlos Nelson, constatei a primeira experiência positiva deste inter-relacionamento. Como tema de Projeto, apresentamos um Centro Comunitário, localizado na Ilha da Conceição localizado na zona Norte de Niterói. Hávamos fornecido aos alunos um programa mínimo, além do local e de pequenas orientações genéricas para um primeiro reconhecimento de campo. Mas esses mesmos alunos estavam tendo aulas de Teoria da Arquitetura com Carlos Nelson, o qual os orientou para irem a campo. Ele havia proposto aos estudantes uma metodologia hoje extremamente conhecida – a de um mapeamento da área através da identificação dos cinco elementos

estruturadores da imagem urbana da área, metodologia formulada por Kevin Lynch em seu livro “A imagem da cidade” os alunos trouxeram para a disciplina de Projeto os resultados obtidos na área de estudo, o que muito auxiliou na elaboração do tema proposto.

Dava-se início assim a uma prática que foi se desenvolvendo em outras temáticas como a de habitações para usos coletivos ou de habitação de interesse social.

A introdução de textos de diferentes autores para as disciplinas teóricas foi também enriquecida pela presença de Carlos Nelson, não sendo ele, é claro, o único professor a adotar esta prática. O que seria possível ressaltar na experiência didática junto ao curso era seu rigor em discutir esses textos e sua capacidade de desenvolver junto aos estudantes a reflexão. Além disso, ressalta-se o carisma de seu discurso, o qual fazia com que os mesmos estudantes ficassem motivados a ponto de enfrentarem sem preguiça as aulas em horários noturnos ou aos sábados às sete horas da manhã; para não falar das inúmeras idas a campo para conhecer os lugares onde os projetos a serem desenvolvidos eram propostos, bem como aprenderem a lidar com os moradores e a identificar as dificuldades implícitas em cada situação.

## 2.2 SETOR DE TEORIZAÇÃO

Como éramos apenas um departamento, carecíamos de certo aprofundamento quanto aos conteúdos ministrados. Resolveu-se dividir (ainda que informalmente) o curso em três diferentes setores: o de Projeto, o de Teorização e o de Planejamento Urbano. Como havia passado a ministrar aulas de Teoria da Arquitetura, passei ao setor de Teorização, tendo Carlos Nelson como coordenador do mesmo. Formamos um grupo de estudos onde líamos e discutíamos autores não só do campo da arquitetura e urbanismo como também de áreas ligadas às ciências sociais. Tais textos, além de enriquecer nosso conhecimento, eram passados para as salas de aula nas várias disciplinas teóricas.

## 2.3. CRIAÇÃO DE NOVAS DISCIPLINAS TEÓRICAS

Fui coordenadora de curso entre 1976 e 1979. Tive de implantar um novo currículo, parcialmente discutido entre os professores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, mas contando ainda com inúmeras deformações do currículo original. Para implantar novas disciplinas era preciso fazer uma equivalência de créditos com a mesma carga horária para a devida substituição. Entre estas, menciono duas: as de Métodos de Pesquisa em Sociedade Urbana e Organização e Método do Trabalho Intelectual, (ou mais conhecido por OMTI). A interpretação do ementário foi analisada em departamento, mas foi graças à sugestão de Carlos Nelson que pudemos contar com a contribuição de docentes de outras formações profissionais e assim as disciplinas puderam ser criadas.

## 2.4 ESTRATÉGIAS PARA DISTRIBUIÇÃO DE DISCIPLINAS

Novas regras foram estabelecidas para a distribuição de cargas horárias. Nessa ocasião Carlos Nelson, propôs que seus professores participassem simultaneamente nas quatro disciplinas de Teoria da Arquitetura, através de módulos, o que fez com que todos nós nos envolvêssemos nas várias temáticas, sempre associadas aos conteúdos das disciplinas de Projeto.

## 2.5 CONTRIBUIÇÕES AO CURRÍCULO E CRIAÇÃO DA ESCOLA DE ARQUITETURA E URBANISMO

Ajustar, adequar e atualizar o currículo para a formação do arquiteto urbanista foi sempre uma constante em nossa universidade. Nas discussões ocorridas também se pode registrar a presença de Carlos Nelson, com proposições bastante originais. Infelizmente não disponho desse material para descrever sua proposta, a qual, entre tantas outras, permaneceu no papel.

Em 1983 fui eleita como chefe de departamento e Carlos Nelson ficou na subchefia. Nessa ocasião, o então reitor Raimundo Romeu, solicitou a elaboração do projeto para a criação da Escola de Arquitetura e Urbanismo, oportunidade para nossa independência da Escola de Engenharia. Conteí mais uma vez com seu precioso apoio de Carlos Nelson na elaboração desse projeto. Este foi pauta de várias discussões com professores, alunos e funcionários, os quais muito contribuíram também. Finalmente a escola foi criada em 1986.

### 3. INTEGRAÇÃO UFF/IBAM

Em 1981, tive oportunidade de participar como técnica do Centro de Estudos e Pesquisas (CPU/IBAM) de alguns projetos. Ali pude perceber através dos trabalhos realizados sob a supervisão de Carlos Nelson a relação entre teoria e prática urbana. Entre eles, destaco o projeto denominado “Alternativas Urbanísticas”. Este consistia em um módulo de pesquisa, seguido de um curso para técnicos municipais e por fim na elaboração de um manual. Os temas consistiam em um elenco de equipamentos urbanos (como o de mercados e feiras-livres; ou de terminais rodoviários) ou de infraestrutura como os de sistema viário e técnicas de pavimentação. Esses manuais eram orientados de forma a seguir uma redação simples, acompanhados de desenhos igualmente simples e diretos, para facilitar a leitura de leigos no assunto. Eram dirigidos para técnicos de municípios, mas serviram muitas vezes como material didático para os cursos de arquitetura e urbanismo.

Outro projeto que participei junto ao IBAM, sob a sua supervisão foi o da Reabilitação Urbanística da Baixada Fluminense” (1986/1987), região extremamente populosa e na sua maioria carente de serviços de infraestrutura. O projeto consistia em uma proposta de saneamento que seria elaborada pela CEDAE (antiga Companhia de Água e Esgoto do Estado do Rio de Janeiro), acompanhada por propostas de urbanização das áreas que receberiam o saneamento. Estas consistiam em pequenos relatórios acompanhados por desenhos que eram apresentados aos moradores. Estes desenhos teriam de ser igualmente simples, traduzidos em uma linguagem semelhante às de revistas em quadrinhos, para que fossem compreensíveis. Foi bem difícil chegar a esta simplificação, pois foi necessário deixar de lado nossos “vícios” de nossa formação profissional, acostumados à elaboração de uma linguagem gráfica sofisticada e pouco compreensível aos moradores, nosso “público alvo”. Carlos Nelson fez a crítica de muitas tentativas que fizemos até acharmos um caminho que gerasse uma identificação com esse público. Mas as experiências apresentadas a eles foram finalmente bem sucedidas, o que mais uma vez comprovou a excelência de supervisão que tivemos.

### 4. COMENTÁRIOS SOBRE TEXTOS

Como já mencionado, Carlos Nelson também deixou um legado importante de artigos, livros e outras publicações. Procurei aqui fazer uma seleção de alguns. Esse material merece destaque pela peculiaridade sempre presente de associar teorias às experiências praticadas em diferentes contextos urbanos. Muitos servem até hoje como objeto de reflexão dos estudiosos da cidade além de constituírem um excelente material didático. As referências completas destas publicações estão listadas na bibliografia.

#### 4.1 “O USO DO SOLO E O MUNICÍPIO”

Trata de um manual que pertence à coleção de “Textos de Administração Municipal”, editada pelo IBAM. Sua primeira edição foi feita em 1987, a terceira foi atualizada pelo arquiteto Alberto Costa Lopes (1970), também técnico do IBAM junto ao CPU. O conteúdo poderia ser maçante, não fosse a forma como foi redigida e ilustrada. Ele explica em uma linguagem acessível a todos como se deu o processo de migração urbana; a noção do solo como propriedade; as relações com o planejamento urbano; assim vai até ilustrar e descrever os princípios básicos da legislação urbana e seus instrumentos normativos. Claro está que esse manual precisaria ser novamente atualizado. Mas pela clareza da redação, elucidando como se atribuem valores ao solo urbano; a noção de propriedade da terra e seu caráter especulativo; as atribuições de cada esfera de poder (federal, estadual e municipal); e do caráter de cada instrumento normativo -, bastaria ajustar os dados para os dias atuais que seu texto e ilustrações estariam perfeitamente adequados.

#### 4.2 “QUANDO A RUA VIRA CASA”

Esse trabalho também foi desenvolvido no Centro de Pesquisas Urbanas (CPU) do IBAM, consistindo numa co-autoria com o antropólogo Arno Vogel. É resultado da pesquisa “Espaço Social e Lazer, Estudo Antropológico e Arquitetônico do Bairro do Catumbi”, patrocinado pela FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos). O bairro situa-se na zona norte do Rio de Janeiro e foi semi destruído pela interceptação do viaduto de acesso de ligação do túnel Santa Bárbara à zona sul da cidade. O trabalho consiste principalmente na análise dos seus espaços coletivos. É uma abordagem antropológica, mas com certeza a união desse campo disciplinar com a arquitetura se fez presente.

Ocorreu-me mencionar essa publicação por um fato de cunho pessoal. Havia recém chegado do meu mestrado em “Urban Design” (2), cuja tradução sempre foi polêmica, se literalmente colocada: a de Desenho Urbano.

A minha escolha do curso se deu por considerar uma lacuna entre os projetos arquitetônicos de edifícios e /ou conjuntos edificados cuja integração com o espaço urbano era praticamente nula. Só se falava em planejamento urbano ou da arquitetura do edifício. “A cidade como arquitetura” (PORTAS, 1966) ou “A arquitetura da cidade” (ROSSI, 1961) eram produções praticamente desconhecidas; Trabalhava-se em escalas gigantescas, como 1:20 000 ou 1:50.000 ou até mais, sem nenhuma preocupação com o “desenho local”, com a vida dos moradores e seu cotidiano bem como suas conexões com a vida do restante da cidade.

Foi nesse curso que tive oportunidade de tomar contato com autores como Jane Jacobs,

Gordon Cullen, Kevin Lynch, com a escola italiana de Gregotti, Aldo Rossi e tantos outros. Muitos desses autores já eram do meu conhecimento através de leituras que fazia individualmente e as realizadas junto ao Grupo de Estudos do Setor de Teorização, coordenado por Carlos Nelson o qual participei.

Mas não via como, trabalhando em escalas tão gigantescas na área de planejamento, entender o que se passava na escala da rua, dos espaços coletivos. Minha surpresa foi grande, ao receber em meu retorno, das mãos de Carlos Nelson, uma publicação que falava e analisava a rua como espaço coletivo e seu contraponto: a casa.

Fartamente ilustrada, esta publicação me trouxe de volta tudo que havia exercitado em Oxford, no “Joint Centre for Urban Design”. No IBAM foi uma possibilidade de exercer essa prática com os trabalhos já comentados, além de muitos outros que participei ou que corriam em paralelo.

#### 4.3 SEMINÁRIOS DE DESENHO URBANO

Os dois primeiros seminários organizados por Benamy Turckienicz contaram com a presença de Carlos Nelson, não só como conferencista, mas como autor de textos publicados em 1984 e 1986, respectivamente.

No primeiro Seminário, ele fez a apresentação com o título

“A forma da cidade – uma agenda para debate”, discutindo a necessidade de fazer com que arquitetos e urbanistas voltassem a pensar na cidade em termos reais. Diz ele:

*“... para que não se pensasse que acreditavam existir algum poder de suas lapiseiras, trataram de quebrá-las e jogá-las fora. Resultado: deixando de falar uma linguagem própria, aderiram ao “sociologês”, ao “economês” mais descompromissado, ao “geografês”, ao “antropologuês”...”* (SANTOS, C.N.F, 1984, P.5)

Mais adiante

*... “Pela primeira vez na história do Brasil, há indícios de que surgem preocupações não apenas de estar no centro urbano, mas em ser alguém dentro dele...”* (SANTOS, C.N.F, 1984, P.5)

Ou ainda

*...” Já sabiam bem nossos antepassados portugueses que para enfrentar o oceano inteiro, basta lançar os primeiros barcos. Desenhemos as ruas, as esquinas, as redes de infraestrutura, os bairros e as casas como for possível agora. Tenhamos coragem de formular as perguntas para ouvir as respostas...”* (SANTOS, C.N.F, 1984, P.5)

Ainda do I SEDUR (Seminário de Desenho Urbano) – ele nos deixa um texto admirável: “Rio de Janeiro, o que transforma e em que é transformado” (1984), onde consegue trabalhar várias experiências vivenciadas em comunidades carentes, analisando entre estas os espaços do Morro do Timbau, do Parque União, Maré e novamente do Catumbi, todos localizados na zona norte do Rio de Janeiro; e da antiga favela da Catacumba localizada em frente à Lagoa Rodrigo de Freitas, na zona sul da mesma cidade.

Esta última é pauta de uma análise da transformação espacial ocorrida. Esta ocupação foi um exemplo clássico de remoção. Carlos Nelson a conhecia bem. Observou como o núcleo central da favela, junto à Lagoa, passou a ser hoje a entrada de um parque: o da

Catacumba. Todo o espaço antes ocupado pela comunidade é hoje preenchido por esse grande conjunto florestal; enquanto ao redor, cresceram enormes prédios residenciais, condomínios de alto luxo. Onde antes era um vazio, tornou-se cheio – onde era espaço ocupado, tornou-se um vazio verde. No final desse texto, ele resume: “... *nas cidades o espaço fala. Cheios e vazios, edificações e logradouros, público e privado armam frases*” (p. 115, op.cit.). Ou ainda: “*Pensar nas cidades e no que revelam a partir de suas formas é ser MORFO-lógico*” (p.116, op.cit.).

É nesse texto ainda que é possível verificar o entrelaçamento entre as experiências em sala de aula: conta como seus estudantes visitaram diferentes espaços localizados em ocupações carentes, o espaço dos pobres: um, de um conjunto habitacional e outro de um barraco de favela. Ambos escapam da “lógica” de habitar, dentro de nossa realidade burguesa. E tece considerações sobre as formas de habitar, de significar em diferentes espaços. Muito mais poderia ser dito sobre este artigo, mas devido à limitação do espaço, restrinjo-me a esses comentários.

No segundo SEDUR, Carlos Nelson publica o artigo “A cidade como se fosse um jogo de cartas” (SANTOS, C.N.F.dos, 1986, p. 26 a 33), artigo esse que parece ser um ensaio para “A cidade como um jogo de Cartas”, publicado posteriormente em livro. Esta publicação é resultado da tese do seu concurso para professor titular na UFF. Trata de um projeto também realizado no IBAM e será comentado a seguir.

#### 4.4 “A CIDADE COMO UM JOGO DE CARTAS”

O Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) foi solicitado a desenvolver um projeto para seis novas cidades no então Território de Roraima. Era um novo desafio para ele e para a equipe a qual supervisionou no CPU. Pela primeira vez estava-se lidando com uma situação inteiramente nova, começando do ponto zero, de um território virgem.

A comparação da cidade como um jogo de cartas, onde o tabuleiro seria o seu suporte físico é um aporte original e feliz. Cartas e naipes se agrupariam como atores desse jogo: os atores da cena urbana: governo, empresa, população, com suas funções estabelecidas por normas. Com essa metáfora, o autor tece considerações teóricas, primeiro sobre o que ele chama de “jogos de poder”, das apropriações indevidas da terra e da expulsão sistemática dos pobres nesse jogo.

Depois passa a discorrer sobre as propostas urbanísticas recentes, criticando muitas vezes os princípios que a embasaram (em especial, com referência aos capítulos “As cidades como foram sendo em todo o mundo” (p.31 a 38) e “As cidades como puderam ser no Brasil” (p.39 a 48)). Após um capítulo introdutório o qual sugere a sua teoria da cidade como um jogo, passa a definir o território de projeto; as diretrizes gerais em termos de uma estrutura urbana; a proposta de parcelamento do solo; da infraestrutura; dos equipamentos e dos serviços urbanos; da legislação pertinente e da questão fundiária.

Lendo assim, pode parecer aos arquitetos urbanistas uma coisa óbvia. Claro, qualquer plano diretor, qualquer projeto para uma nova cidade contemplaria esse elenco de questões. Mas está implícito um discurso conceitual; o autor se debruça em um tipo de desenho da estrutura urbana: defende o princípio da grelha na composição das vias; define o que é rua, lote, quarteirão; sugere arranjos de ocupação. Analisa a centralidade: “... *Para o centro, todos se*

*dirigem para trocar não apenas mercadorias, mas também concepções e maneiras de ser e viver...*” (p.52). Ousa desenhar a cidade...

Ele e sua equipe produziram um trabalho que, se bem aproveitado, é também pedagógico. Quantas vezes esse livro não foi insumo para as salas de aula dos alunos de arquitetura e urbanismo?

Fazendo referência a Aldo van Eick ”apontar as estrelas antes que os foguetes partam”... (p.15) o autor afirma: “*Aí está a verdadeira tarefa acadêmica: refazer uma área de domínio profissional, propondo novos conceitos, examinando os resultados do que antes era apresentado como verdade...*”(p.15, op.cit)

## **5. FINALIZANDO**

Ou não... Muito mais se poderia falar sobre seu trabalho, sua atuação como docente, como chefe de um centro de pesquisas, como pesquisador e pensador. Procurei destacar alguns pontos cuja finalidade foi testemunhar a constante prática, seguida de reflexão teórica, dando continuidade a novas práticas. Seu trabalho foi sempre de equipe, sua presença foi carismática, avançada em relação ao tempo.

Parafraseando um título de um de seus artigos: “Condomínios exclusivos – o que diria um arqueólogo?” – como seria Carlos Nelson nos dias de hoje?

Alguns avanços podem ser admitidos, entre eles uma mudança de mentalidade no tratamento de ocupações dos pobres. Não mais se admitem erradicações. Mas as remoções continuam acontecendo, apenas disfarçadas. Qualquer obra pública ou privada acaba por expulsar as classes menos favorecidas, seja com o pretexto de estarem ocupando “áreas de risco”, seja pelo processo de gentrificação.

Os espaços públicos, tão discutidos pelo autor, continuam surgindo, com tratamentos mais cuidadosos; aparentemente mais humanizados. Mas as periferias, as favelas e outras formas de ocupação dos mais pobres continuam surgindo mais e mais.

A população urbana cresceu consideravelmente. Comenta-se muito sobre a fragmentação das cidades, mas as decisões do poder público, seja este local ou nacional, não parecem encontrar soluções.

Ele não viveu a enorme transformação dos meios de comunicação, dos avanços da tecnologia da Informação, da prensa decorrente destes, da incrível aceleração do tempo. De um mundo com desigualdades cada vez mais implícitas. Seria capaz de assimilar tais transformações e continuar produzindo propostas, artigos dando conferências, ministrando aulas?

Provavelmente sim, sua reflexão crítica estaria mais aguda. E talvez mais rápida. Como uma fênix, que renasce das cinzas a cada destruição.

Como colega na universidade, como participante de trabalhos por ele supervisionados junto ao IBAM, como amiga, enfim, tive a oportunidade de compartilhar e aprender um pouco dessa “prática teórica” a qual sempre o acompanhou.

## BIBLIOGRAFIA

Santos, Carlos Nelson Ferreira. Movimentos Sociais Urbanos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981

Santos, Carlos Nelson F. & Vogel, Arno. Quando a rua vira casa. A apropriação dos espaços de Uso Coletivo em um Centro de Bairro., Rio de Janeiro, IBAM/FINEP 1981

Santos, Carlos Nelson F. Apresentação - A forma da cidade. In: Benamy Turkienics, Geraldo Sá Nogueira Batista, Maurício Malta, Maria Silvia Barros Lorenzetti e Suely Mara Vaz Guimarães (coordenadores) Desenho Urbano I. Cadernos Brasileiros de Arquitetura vol. 12. Projeto Editores, São Paulo, 1984

Santos, Carlos Nelson F. "Rio de Janeiro, o que Transforma e em que é Transformado". In: Benamy Turkienicz, Geraldo Sá Nogueira Batista, Maurício Malta, Maria Silvia Barros Lorenzetti e Suely Mara Vaz Guimarães (coordenadores) Desenho Urbano I. Cadernos Brasileiros de Arquitetura vol. 12. Projeto Editores. São Paulo, 1984

Santos, Carlos Nelson F. "A cidade como se fosse um jogos de cartas". In Desenho Urbano. Anais do II SEDUR, Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil, UNB . Benamy Turkienics (coord.) Benamy Turkienicz e Maurício Malta editores; co-edição CNPq/FINEP/PINI. Brasília, DF, 1986

Santos, Carlos Nelson F. A cidade como um jogo de cartas. Niterói: Universidade Federal Fluminense: EDUFF. Projeto Editores, São Paulo, 1988

Santos, Carlos Nelson F. dos. O Uso do Solo e o Município. Textos de Administração Municipal 2. Centro de Estudos e Pesquisas Urbanas do IBAM, 3a edição, atualizado por Alberto Costa Lopes, Rio de Janeiro, 1990

## NOTAS

1 - Equipe formada pelos arquitetos Carlos Nelson Ferreira dos Santos, Silvia Wanderley, Rogério Aroeira Neves, Sueli Azevedo, que posteriormente constituíram a QUADRA; entre outros profissionais também trabalharam Gilda Blank, Osvaldo Nazaré, Teresa Amorim, Zilda Maria dos Santos

2 - O curso era oferecido pela então Oxford Polytechnic, (hoje Oxford Brookes University) no Joint Centre for Urban Design, Oxford, Grã Bretanha; o mestrado foi realizado entre 1979 e 1980